

# RESENHA BIBLIOGRÁFICA \*

GRACIOTTI (Mário). — *O Firmamento no Universo Finito*. Editôra Clube do Livro. São Paulo. 1971.

Mário Graciotti, diretor do “Clube do Livro”, no seu caminho rumo ao Universo Teológico já publicou duas obras, *O Mundo antes do Dilúvio* e *Viagem ao Redor das Origens*. Este novo volume, *O Firmamento no Universo Finito* é portanto o terceiro da série, e é editado, como os dois anteriores pelo próprio “Clube do Livro”. Ele se compõe de 3 partes intituladas: Apontamentos Históricos, Elementos de Pesquisa e Exposição de Fenômenos.

Na primeira parte, o Autor discute principalmente o problema das marés baseando-se na obra do prof. Roberto Almagiá, geógrafo italiano, *La Dottrina della Marea Nell'Antichità Clássica e nel Medio Evo*. É uma incursão histórica sobre as idéias que o homem teve através dos tempos acerca desse fenômeno. Na opinião do Autor, as explicações dadas às marés não são nada satisfatórias. Assim, embora seja a História longa e longa a vigília dos homens, nada de concreto e positivo pode ser assinalado a essas explicações científicas. O impasse poderia ser solucionado, segundo o Autor, se se adotasse a sua tese do Universo Finito, evidentemente uma tese não filiada ao método científico.

Na segunda parte, Elementos de Pesquisa, as teorias de Hoyle, Darwin, Newton, Gamow e outros cientistas são ridicularizadas. As afirmações científicas são de cunho inocente ou malicioso e não ultrapassam o escopo das afirmações infantis. Se perguntarmos a uma criança o que é o vento, ela nos responderá: ““o vento é o vento”. Também, seriam de mesmo molde as respostas de alguns cientistas. É o que nos diz Mário Graciotti. Mas o ponto alto, dessa parte, está da página 244 a 263, onde o premiado escritor fala dos seus esforços em prol da difusão de cultura. Aqui, ficamos sabendo como surgiu a revista “Inteligência” sob a sua direção, o seu intenso labor em fundar o “Clube do Livro”, a sua campanha das Bibliotecas-Prêmio. Uma cruzada meritória, sem dúvida.

Finalmente, na terceira e última parte, depois de trazer Einstein à sua causa do Universo finito, mas sem deixar de assinalar a superioridade das concepções dos velhos sumerianos, ele aponta os fenômenos que ajudam a defender a sua tese. São elas: 1). — A orla congelada do Universo; 2). — As marés; 3). — As pressões atmosféricas; 4). — A Natureza tem horror ao vácuo; 5). — A rotação da Terra; 6). — Os cometas; 7). — O retorno das ondas elétricas; 8). — A Estratosfera; 9). — As estrelas fixas; 10). — São inalteráveis as condições do Espaço; 11). — O equilíbrio dos corpos celestes.

(\*). — Solicitamos dos Srs. Autores e Editores a remessa de suas publicações para a competente crítica bibliográfica (*Nota da Redação*).

Como o próprio Autor honestamente reconhece, êles não provam a hipótese do Universo Finito, mas poderiam convencer o leitor da existência de pontos positivos nessa hipótese. Enfim, um livro para pensar.

*SHOZO MOTOYAMA.*

\* \* \*

PINSKY (Jaime). — *Os judeus no Egito Hellenístico*. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Assis, distribuído pela Difusão Européia do Livro, 1971, 154 páginas.

Atualmente o autor, Doutor em História pela Universidade de São Paulo, é Professor de História Antiga da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Assis. No livro em epígrafe apresenta-nos um quadro histórico do êxodo do povo judeu de seu país de origem para o Egito.

A obra é elaborada em três substanciosos capítulos, incluindo-se uma extensa bibliografia.

O capítulo I, “Os judeus e a Diáspora”, induz o leitor a analisar os fatôres que levaram os judeus a sairem da Palestina, definindo a acepção do termo Diáspora (judeus fora de seu país de origem, segundo o Evangelho de São João) e para tanto lança a pergunta óbvia:

“Porque teriam os judeus saído da Palestina para se localizar em outros sítios”? (p. 15).

Focaliza então, para o estudo, alguns aspectos geopolíticos da região. Conclui ser a Palestina essencialmente agrícola, que sofreu por um lado com os problemas geofísicos e, por outro, com a impossibilidade de “exploração suficiente da localização”, em consequência do interesse de nações poderosas que provocavam, ao mesmo tempo, uma “instabilidade política na Palestina” (17).

Com o subtítulo “Razões da Diáspora” inicia um estudo minucioso, discutível e polêmico. A posição do autor é objetiva, revelando conhecimento profundo, cuidadoso, buscado, de quem pesquisa sutilmente o assunto. A observação se aplica à tóda obra, ricamente documentada.

“Cabe agora seguir o povo judeu para os locais onde passou a viver” (p. 22), desde sua primitiva existência até a chegada ao Egito, antes, porém, do período helenístico.

Conceituando a palavra Diáspora, permite ao leitor libertar-se de um visão preconceituosa, inícrente a muitos trabalhos sobre o assunto.

Conclui mostrando a necessidade de vinculação da História do povo judeu a uma nação, definindo-a no tempo e no espaço e no ambiente de grande interês-